Hymenaea courbaril L.

(castanheiro de bugre, jataí, jataí peba, jatobá, óleo de jataí)

Família: Fabaceae

Endêmica: não[3]

Bioma/Fitofisionomia: Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal[3]

Recomendação de uso: Silvicultura

O jatobá é uma árvore com altura de 15 a 35 metros, própria de florestas primárias e solos secos. A casca do jatobá é um pouco áspera, cinza-clara, com pequenos sulcos. Suas folhas são compostas de dois folíolos brilhantes. Os frutos são secos, em formato de vagem e de coloração externa marrom. Internamente, estes frutos contém uma farinha comestível e nutritiva consumida tanto por animais silvestres (pacas, antas, cutias, macacos-prego) como pelo homem.

Etnobotânica e Histórico

A madeira do jatobá é pesada e muito dura ao corte. Na região de Nazaré Paulista os moradores citam a espécie para lenha e também para alimentação: “Quando chovia cheirava a bolacha, ela tem um pozinho dentro que fica cheiroso, até com café a gente tomava” (depoimento de morador local).

Usos específicos: produtos madeireiros (cabo de ferramentas, construção civil, lenha), produtos não madeireiros (alimentação humana)[10,1,11]

Características gerais

Porte: altura 8.0-20.0m DAP 40-80cm[1]

Cor da floração: branca[4]

Brancas a cremes alaranjadas.

Velocidade de desenvolvimento: Lenta, Moderada[2,7]

Persistência foliar: Semidecídua[5]

Sistema radicular: -

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto[1]

Superfície do tronco: Lisa[1]

Tipo de fruto: Seco deiscente (Legume)[4]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim[4]

Pragas e doenças: A árvore apresenta resistência a pragas e doenças, entretanto, as sementes podem ser atacadas por alguns coleópteros e dípteros.[4]

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas[2]

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: -

Polinizadores: Morcegos.[8]

Período de floração: janeiro a fevereiro[2]

Tipo de dispersão: Autocórica, Barocórica, Zoocórica[4,2,6,8]

Agentes dispersores: Dispersa por mamíferos de grande pode, mas principalmente roedores.[2]

Período de frutificação: março a julho[4]

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore ou no solo[2]

Frutos secos ao sol e quebrado com um martelo para retirada das sementes.

Tipo de semente: Ortodoxa[6,2,9]

Tratamento para germinação: Tratamento térmico, Tratamento químico, Imersão em água, Escarificação mecânica, Tratamentos combinados[2,6]

As sementes devem ser imersas em água por dois a quatro dias e maceradas sobre peneira para retirada da polpa. Após essa limpeza, devem ser secas ao sol. Esse processo ocorre antes da armazenagem. Antes da semeadura, as sementes devem ser escarificadas para superar dormência. Podem ser imersas em água fervendo, até temperatura da água baixar a temperatura ambiente ou imersas em ácido sulfúrico concentrado por 35 minutos e lavadas em água corrente por dez minutos (DURIGAN et al. 1997). Imersão em água a temperatura de 80 a 90 ºC, mantendo

na água até temperatura ambiente; ou imersão em água a temperatura ambiente por 10 dias. Outra opção é realizar a escarificação mêcanica na região oposta ao embrião (MORI et al., 2012).

Produção de mudas: Recipientes individuais[2]

As mudas demoram cerca de uma ano para estarem rustificadas para o plantio.

Tempo de germinação: 20 a 25 dias[2]

Taxa de germinação: 70 a 80%[2,6]

Número de sementes por peso: 300/kg[2,6]

Exigência em luminosidade: Exigente em luz

Dados madeireiros

Densidade: 850.0kg/m^3 [12,11]

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -[12,11]

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -[12,11]

Bibliografia

[1] CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

[2] DURIGAN, G.; FIGLIOLIA, M. B.; KAWABATA, M.; GARRIDO, M. A. de O.; BAITELLO, J. B. Sementes e mudas de árvores tropicais. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 1997. 65 p.

[3] LIMA, H. C. de. Hymenaea. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 12 mar. 2013.

[4] COSTA, W. S.; SOUZA, A. L.; SOUZA, P. B. Espécies Nativas da Mata Atlântica. N. 2. (Projeto: Prospecção do Conhecimento Científico de Espécies Florestais Nativas - Convênio de Cooperação Técnica FAPEMIG / FUNARBE. Polo de Excelência em Florestas). Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2011. 21 p.

[5] TOMAZELLO FILHO, M.; LISI, C. S.; HANSEN, N.; CURY, G. Anatomical features of increment zones in different tree species in the State of São Paulo, Brazil. Scientia Forestalis, Piracicaba, n. 66, p. 46-55, dez. 2004.

[6] MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.

[7] PAIVA, A. V.; POGGIANI, F. Crescimento de mudas de espécies arbóreas nativas plantadas no sub-bosque de um fragmento florestal. Scientia Forestalis, Piracicaba, n. 57, p. 141-151, jun. 2000

[8] YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

[9] CARVALHO, L. R. de; SILVA, E. A. A. da; DAVIDE, A. C. Classificação de sementes florestais quanto ao comportamento no armazenamento. Revista Brasileira de Sementes, Brasília, v. 28, n. 2, p. 15-25, 2006.

[10] BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

[11] LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

[12] PAULA, E. J.; ALVES, J. L. H. 992 Madeiras nativas do Brasil: anatomia-dendrologia-produção-uso. Porto Alegre: Cinco Continentes, 2010, 461p.